

Editorial

Publicamos este número num contexto de exceção. A ciência e a tecnologia recebem hoje, junto às minorias e aos serviços públicos essenciais, o ônus de um projeto político marcado por escolhas que têm gerado preocupação dentro e fora do âmbito acadêmico.

É nesse sentido que reafirmamos o empenho do *BCG* na realização de um debate progressista no campo da Geografia e das ciências humanas, aberto à pluralidade de temas, metodologias e perspectivas, em contrapartida a um pensamento único que poderia ser deletério à produção do conhecimento — desde o ensino básico até a pós-graduação.

A resistência pela ciência — por ela e por meio dela — é caminho para promover a continuidade de análises e discussões criteriosas sobre os graves problemas que ainda hoje seguimos enfrentando. Do mesmo modo, é uma via para a proposição de alternativas, inclusive num horizonte de políticas públicas, comprometidas com a redução das desigualdades regionais, econômicas e sociais e com o respeito integral à pessoa humana.

Neste momento, é crucial garantir a salvaguarda e a valorização das instituições educacionais e científicas, bem como dos espaços democráticos de discussão, sobretudo em um país em que se reproduzem historicamente os graves traços do subdesenvolvimento.

O conteúdo desta edição traz aportes a uma leitura rigorosa e atual das dinâmicas do espaço geográfico, trabalhando com facetas do capital, da urbanização e da política. Décio Saes abre a seção de artigos discutindo a conformação do capitalismo no Brasil desde uma perspectiva política, analisando de forma detalhada a configuração de blocos dominantes de poder. Já no âmbito do capitalismo financeirizado, o texto de Ricardo Scherma trabalha criticamente a lógica de busca pela atração de investimentos, com atenção especial à Região Metropolitana de Campinas. Seguindo numa leitura dos processos contemporâneos no Brasil, Roberto França da Silva Junior e Polianna Teixeira Olegário investigam a relevância dos Correios, como empresa pública estatal, no âmbito da geopolítica e da integração territorial.

Retomando as análises sobre Campinas, trazemos o artigo de Ederson Nascimento sobre a expansão urbana nos municípios da região metropolitana no período de 1965 a 2015, via procedimentos geocartográficos. Dando continuidade ao tema, Rafaela Delcol explora criticamente o contexto e a composição do Índice

de Bem-Estar Urbano, focalizando a Região Metropolitana de Campinas.

Antonio Sergio Silva e José Gilberto de Souza discutem a construção de indicadores de sustentabilidade em Formosa (GO) a partir de um viés participativo, com elaboração coletiva pelos sujeitos locais. Na sequência, Maycon Fritzen examina o desenvolvimento das forças produtivas no oeste de Santa Catarina fundamentando-se nas relações entre modernização do território e expansão do consumo de energia elétrica.

Partindo para uma abordagem internacional, o texto de Bruno Reis apresenta transformações econômicas e políticas que incidiram sobre a urbanização, especialmente sobre a questão imobiliária, em cidades médias no Brasil e na Espanha. Fechando a seção de artigos, José Roberto Azevedo propõe abordar a expansão canavieira no Mato Grosso do Sul baseando-se na relação capital versus trabalho.

Na sequência, trazemos a resenha crítica de Angelita Matos Souza sobre o livro "Do PT das lutas sociais ao PT do poder", obra de José de Souza Martins publicada em 2016 pela editora Contexto. Já na seção de entrevistas, a geógrafa chilena Sandra Fernández Castillo discute, entre outros assuntos, epistemologia da Geografia e perspectivas para uma Geografia feminista. Compartilha ainda suas experiências com a escola sueca, além de comentar sobre trabalhos mais recentes com o tema dos territórios corporativos.

Por fim, temos a satisfação de publicar a tradução "Notas sobre subsistemas espaciais e circuitos de acumulação regional", texto de 1980 do economista argentino Alejandro Rofman. O autor realiza um estudo exploratório e apresenta um esboço explicativo dos circuitos econômicos regionais, em contribuição especialmente valiosa para pesquisas voltadas à compreensão dos circuitos espaciais produtivos. Na capa da edição, o fragmento de "Detroit Industry" (1932), obra monumental de Diego Rivera, dialoga com os textos e com o período atual, na medida em que nos leva a refletir sobre diversas nuances da produção capitalista.

Nas últimas páginas de "Por uma Geografia Nova", Milton Santos sugere a realização de uma Geografia que "nas condições atuais, exige coragem, tanto no estudo quanto na ação, a fim de tentar fornecer as bases de reconstrução de um espaço geográfico que seja realmente o espaço do homem, o espaço de toda a gente e não o espaço a serviço do capital e de alguns". Ainda que a obra seja datada de 1978, julgamos pertinente retomar a afirmação e desejamos que os textos aqui apresentados tragam elementos para a ação e a reflexão crítica de geógrafos e não-geógrafos.

Agradecemos aos autores, aos membros do Conselho Científico, aos pareceristas *ad-hoc* e a todos que contribuíram para a construção de mais este número da revista. Boa leitura.

Conselho Editorial

* * *

 **BCG:** <http://agbcampinas.com.br/bcg>